

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
26 de Julho de 2024
O QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Revolução

JA KUBA / SOY CUBA / 1964 “Sou Cuba”

Um filme de Mikhail Kalatozov

Argumento: Evgueni Evtuchenko, Enrique Pineda Barnet / *Director de fotografia* (35 mm, preto & branco): Sergei Urusevsky / *Cenários:* Evgueni Sveditelev / *Figurinos:* René Portocarrero / *Música:* Carlos Farinãs / *Coreografia:* Armando Suez / *Conselheiro militar:* Capitão Arquimedes Fonseca / *Montagem:* Nina Glagoleva / *Som:* Vladlen Sharun / *Interpretação:* Sérgio Corrieri (*Alberto, o estudante que adere à guerrilha*), José Gallardo (*Pedro, o velho camponês*), Raul García (*Enrique, o estudante que morre na manifestação*), Luz Maria Collazo (*Maria/Betty, a prostituta negra*), Jean Bouise (*Jim, o cliente americano da prostituta*), Célia Rodriguez (*Gloria*), Robert Garcia York (*um activista americano*), Luisa Maria Jiménez (*Teresa*), Mário González (*Pablo*), Los Diablos (*os cantores negros no cabaret*), Raquel Revuelta (*a voz de Cuba*), Nina Nikitina e Georgi Yepifantsev (*locutores dos textos em russo*) e muitos outros.

Produção: Mosfilm (Moscou) e ICAIC (Havana) / *Cópia:* digital (transcrita do original em 35 mm), versão original em espanhol (e alguns diálogos em inglês), com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 140 minutos / *Estreia mundial:* Havana, 26 de Outubro de 1964 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 19 de Setembro de 2009, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

A sessão tem lugar na Esplanada

*Cuba es la tierra más hermosa
Gracias, señor Colón*

do poema de Evtuchenko lido na introdução do filme

Ja Kuba/Soy Cuba foi durante muitos anos um filme quase tão mítico quanto o monumental **A Queda de Berlim**, realizado em 1949 para festejar os setenta anos do Guia Genial dos Povos. O filme de Mikhail Tchiaurelli - delirantemente estalinista e magnificamente realizado - foi engavetado a partir de 1956 e só ressurgiu em tempos da *perestroika*. O filme de Kalatozov, mal recebido na União Soviética e em Cuba (onde o chamaram **No Soy Cuba...**), foi discretamente engavetado e só voltou à superfície a partir de 1995, mais de vinte anos depois da morte do seu realizador, tendo recebido o aval de Francis Coppola e Martin Scorsese. Em 2004, Vicente Ferraz realizou um documentário de uma hora e meia sobre o filme de Kalatozov, significativamente intitulado **Sou Cuba, o Mamute Siberiano**, em que entrevista vários sobreviventes cubanos da produção.

Ja Kuba/Soy Cuba foi a primeira co-produção entre Cuba e a URSS e destinou-se desde o primeiro minuto a ser um hino à glória do então jovem regime, cuja imagem era positiva. Cuba iria ter o seu equivalente de **O Triunfo da Vontade**, de **O Destacamento Feminino Vermelho** e de vários filmes soviéticos. O argumento foi escrito a quatro mãos por Evgueni Evtuchenko, célebre poeta e dissidente oficial da URSS e por um cubano que viria a ser diretor do instituto nacional de cinema. Os técnicos são russos e os actores cubanos. Para a realização foi escolhido Mikhail Kalatozov, veterano realizador premiado com a Palma de Ouro em Cannes em 1958 com o belo **Quando Passam as Cegonhas**, que marcou o regresso oficial da União Soviética ao circuito mundial de cinema, depois das gélidas trevas que reinavam no cinema do país desde 1935, quando o “formalismo” foi oficialmente atacado. Como é mais do que sabido, a partir de então, quase todo o cinema soviético, mesmo nos filmes feitos pelos melhores realizadores, abandonou a mobilidade, o experimentalismo e a imprevisibilidade. Giovanni Buttafava, conhecedor do cinema soviético e marxista não leninista, resumiu a situação com clareza: instalou-se um “cinema de celebração e não de interrogação, um cinema que considera qualquer exibição formalista como um delito e que privilegia a câmara fixa, institucionaliza a reconstrução em estúdio e a pós-sincronização. Qualquer movimento de câmara mais marcado ameaça romper o equilíbrio formal e é um convite à distração, à admiração puramente estética”. Mas esta análise só é válida, embora haja muitas exceções, até finais dos anos 50. Quando Kalatozov, que em jovem tinha realizado alguns filmes “formalistas” e que não foi nada académico em

Quando Passam as Cegonhas, fez **Ja Kuba/Soy Cuba** abriu as comportas da “criatividade” e desafogou nos cento e quarenta minutos deste filme toda a vontade de “formalismo” que tinha sido recalcada na União Soviética durante mais de vinte anos, entre os processos de Moscovo e o XX Congresso do Partido. Em parceria com o diretor de fotografia Sergei Urusevsky, verdadeiro co-autor do filme (tiremos também o chapéu à montadora, que deve ter queimado as pestanas para juntar num todo o material filmado), Kalatozov fez uma autêntica antologia dos ângulos de câmara “deformados” do cinema revolucionário soviético (Vertov e Eisenstein) e um impressionante festival de planos-sequência, que multiplicam por cem o que era feito em fins dos anos 50 e começos dos anos 60 no jovem cinema americano e europeu, que ele certamente conhecia (basta ver a sequência da piscina e a do *night-club*). Não há dúvida de que todos os diretores de fotografia deste mundo deveriam ver e rever **Ja Kuba/Soy Cuba**. Os diálogos são raríssimos, os piosísimos textos de Evtuchenko também (“*o açúcar é doce mas a sua colheita é amarga*”...) e o simplismo primário da narração traz água para o moinho de Kalatozov, que quis fazer e fez uma espécie de vasta sinfonia “poética”, em quatro movimentos, que se termina, como é evidente, de modo algo apoteótico. Para retomarmos os termos de Buttafava, **Ja Kuba/Soy Cuba** é ao mesmo tempo um filme de celebração (há até sósias de Fidel Castro e Che Guevara no episódio final) e um delírio “formalista” tão intenso e sistemático que, além de *kitsch*, é provinciano. Como observou o crítico italiano Giulio Bursi, Kalatozov fez “*uma espécie de «cinema de poesia», no qual as experiências técnicas e estilísticas do cinema mudo são esvaziadas e «frankensteinizadas», ou remontadas numa desonesta operação de embelezamento poético-dramático*”. Há até citações de celeberrimas cenas do cinema mudo soviético, na grande sequência da manifestação estudantil reprimida pela polícia: um estudante empunha uma pomba morta e caminha em direção aos soldados, como a mãe que leva o filho ferido nas escadarias de **Potemkine**; alvejado várias vezes, o rapaz não cai, tal qual o operário que é invulnerável às balas no desenlace de **Arsenal** (mas em **Soy Cuba** acaba afinal por morrer, porque tinha desobedecido às ordens do Partido). Como em qualquer filme soviético que se preze, os camponeses ceifam a sorrir e há até o tema do chefe imortal (um pouco como o Fantasma das bandas desenhadas), pois da primeira vez que se pronuncia o nome de Fidel Castro é para anunciar que ele foi morto, de maneira a poder fazê-lo ressuscitar e cercá-lo pela aura do chefe invencível, imortal.

Esta propaganda, tão *déjà vue* que cansa mais do que irrita ou faz sorrir (a não ser no hilariante episódio inicial, sobre a “decadência capitalista”), é uma espécie de vago fundo narrativo para o que interessa o realizador: a realização visual, fotográfica. Kalatozov e Urusevsky usaram uma película a preto e branco infra-vermelha, que lhes foi fornecida pelo exército soviético. O resultado visual afasta-se do preto e branco contrastado do cinema clássico, certamente pouco condizente com a paisagem e a luz dos trópicos, acentua os brancos, transforma os verdes da natureza em brancos, como se vê na impressionante sequência de abertura: um longo plano-sequência aéreo em que se chega a Cuba como a uma terra virgem, transpondo para 1964 o que se passara cerca de quatro séculos antes: a chegada dos primeiros navegadores europeus. Quando a câmara finalmente pára, ouvimos uma voz, que é nada menos do que a voz da própria Cuba (!). Esta voz em espanhol é seguida por outra, que arrulha na língua de Leonid Brejnev o que tinha sido dito na do Líder Máximo. E assim é feito até o fim do filme, o que é dito em espanhol logo é repetido em russo. Isto deve-se ao facto de na União Soviética os filmes estrangeiros não serem legendados nem dobrados e sim apresentados com o mais abominável dos sistemas, a *voice over*: uma e só mesma voz em russo que traduz os diálogos, sobreposta à banda sonora original, que não é apagada. Mas talvez não seja absurdo afirmar que também é uma maneira de atar, materialmente, Cuba e a União Soviética, de transformar estes dois “países-irmãos” em dois irmãos siameses. O que é certamente uma forma mais sutil de propaganda do aquela que é veiculada pelos diversos episódios do filme.

A sobreposição permanente da mais crua e tosca propaganda leninista à mais delirante fantasia visual (despropositada, descontrolada e de mau gosto) fazem de **Ja Kuba / Soy Cuba** um filme *kitsch* por dentro e por fora, na forma e no fundo, um objeto realmente insólito que todo cinéfilo deve ver e que terá para todo o sempre um lugar de destaque em qualquer gabinete de curiosidades cinematográficas.

Antonio Rodrigues